



Tempo mítico e tempo histórico em *Órfãos do Eldorado*

Ana Lúcia Trevisan

Profa. Dra. no Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

TEMPO MÍTICO E TEMPO HISTÓRICO EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*

Este artigo analisa a obra *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, levando em consideração o diálogo entre História e Mito. Através do narrador em primeira pessoa, Armino Cordovil, estudam-se as relações entre narrativa, relato, história e memória. A alternância entre a revelação mítica e a interpretação factual e a duplicidade temporal apontam para uma atualização dos mitos amazonenses.

TIEMPO MÍTICO Y TIEMPO HISTÓRICO EN *HUÉRFANOS DE ELDORADO*

Este artículo analiza la obra *Huérfanos de Eldorado*, de Milton Hatoum, considerando el diálogo entre Historia y Mito. A través del narrador en primera persona, Armino Cordovil, se estudian las relaciones entre narrativa, relato, historia y memoria. La alternancia entre la revelación mítica y la interpretación factual y la duplicidad temporal señalan una actualización de los mitos amazónicos.

الوقت الاسطوري والوقت التاريخي في أيتام إلدوردو

يحلل هذا المقال رواية أيتام إلدوردو لكاتبها ميلتون حاطوم مع الأخذ بعين الاعتبار الحوار بين التاريخ والاسطورة. فمن خلال الراوي باسم المتكلم أرمينتو كوردفيل، تتم دراسة العلاقات بين الرواية والتقرير والتاريخ والذاكرة. فالتغيير ما بين الوحي الاسطوري وتأويل الأحداث، أما الثنائية الوقتية فتشير الى تحديث أساطير منطقة الامازون.

TEMPS MYTHIQUE ET TEMPS HISTORIQUE DANS *ORPHELINS DE L'ELDORADO*

Cet article analyse l'oeuvre de Milton Hatoum, *Les Orphelins de l'Eldorado*, mettant en avant le dialogue entre Histoire et Mythe. Par le biais du narrateur à la première personne, Armino Cordovil, les relations existantes entre narration, récit, histoire et mémoire y sont exposées. L'alternance entre la révélation mythique, l'interprétation basée sur les faits et la duplicité temporelle bâtissent une actualisation des mythes de l'Amazonie.

MYTHICAL AND HISTORICAL TIME IN *ORPHANS OF ELDORADO*

This article analyzes the book *Orphans of Eldorado*, by Milton Hatoum, from the standpoint of the dialogue between History and Myth. The relationships between narratives, accounts, history and memory are studied through first-person narrator Armino Cordovil. Alternation among mythical revelation, factual interpretation and temporal duplicity suggests a modernization of Amazonian myths.

Na novela de Milton Hatoum *Órfãos do Eldorado* (2008), os relatos míticos e as experiências históricas compõem a tessitura de uma narrativa impregnada de imagens poéticas, marcada por um ritmo caudaloso que arrasta personagens e leitores em um cosmos plurissignificativo. A trajetória da personagem Arminto Cordovil revela, obviamente, um destino pessoal; porém, os inúmeros relatos que gravitam ao seu redor apontam para um destino coletivo – configurado por meio dos diálogos entre a História e o Mito.

Nessa novela, as imagens dos mitos amazônicos surgem em meio a uma estruturação narrativa ancorada na forma do relato oral. Desta maneira, configura-se uma composição ficcional em que a forma e o conteúdo tornam-se um binômio indissociável e harmônico. Cabe destacar que, no final da novela, aparece um posfácio no qual se insinua que o narrador, Arminto Cordovil, até então um ente ficcional, parece ter “realmente” narrado os fatos de sua vida ao avô do escritor. Temos assim configurado um relato dentro do outro, um relato que busca legitimar o outro. Ao que parece, cria-se um jogo narrativo que evoca a força da oralidade, instituindo as relações entre o narrador e o ouvinte. Observa-se que a intertextualidade se expressa também nesse nível formal, pois os sentidos implícitos às narrativas míticas são referendados no relato da personagem Arminto Cordovil, que conta sua história e, ao reconstruir sua memória, consegue elaborar as faces de sua identidade.

Esse jogo de narradores e narrativas que se entrelaçam reforçando a veemência da oralidade explicita-se no seguinte fragmento do posfácio, no qual se constata o mecanismo imanente aos diálogos responsáveis pela perpetuação dos mitos e tradições:

Quando meu avô me contou a história dos órfãos, eu quis saber onde ele a havia escutado. Anos depois, ao viajar pelo Médio Amazonas, procurei o narrador na cidade indicada. Ele morava na mesma casa que meu avô tinha descrito, e estava tão velho que nem sabia sua idade. Ele se recusou a contar sua história.

Já contei uma vez para um regatão que passou por aqui e teve a gentileza de me ouvir. Agora minha memória anda apagada, sem força. (Hatoum, 2008: 106)

Ao longo da narrativa conhecemos os dramas familiares que assinalaram os flancos na vida da personagem Arminto Cordovil: sua mãe morre após o seu nascimento e seu pai, Amando Cordovil, não consegue superar o sentimento de perda nem perdoar a culpa involuntária de seu filho. A trajetória de Arminto constrói-se à margem da vida: à margem da possibilidade do amor de seu pai e, muitas vezes, à margem da experiência histórica, que sempre está marcada pela ação paterna. A índia Florita é quem cuidará de Arminto desde criança. Seu pai a coloca em sua vida e ela torna-se a fonte de suas referências afetivas, simbólicas e míticas; porém também será o motivo de sua segunda rejeição. Amando Cordovil surpreende Arminto e Florita em um encontro amoroso furtivo, nesse momento a rejeição paterna inicial se re-configura e o então adolescente Arminto é expulso da casa paterna.

A condição de Arminto parece ser essa: viver à margem. A sua paixão visceral e onírica por Dinaura, a órfã misteriosa o que encanta silenciosamente, também intensifica sua condição marginal – o amor por Dinaura impede efetivamente seu ingresso no fluxo da história. Arminto não conseguirá assumir

qualquer responsabilidade frente aos negócios familiares após a morte de seu pai. Cabe destacar que o tempo linear está representado pelo ritmo da vida de Amando Cordovil que ilustra o movimento econômico e político de Manaus, a ascensão e o declínio do comércio da borracha no rio Amazonas.

Toda a força da historicidade convive com as lendas e os mitos amazônicos, essa duplicidade temporal permanece como um eixo em todo o relato. Arminto vai de uma margem à outra, interpretando os diferentes universos significativos que entrelaçam sua vida. O destino pessoal de Arminto se conjuga ao destino coletivo de um tempo e de um espaço; pela voz de Arminto é possível alinhar elementos díspares de uma realidade amazônica – visceralmente brasileira – e encontrar um universo cultural polifônico, híbrido, contundente.

É sabido que um narrador em primeira pessoa é capaz de imprimir, por princípio, um tom de autoridade e de legitimidade aos relatos. No caso de *Órfãos do Eldorado*, o foco na primeira pessoa aparece acompanhado de um elemento intensificador: a presença de um ouvinte. A figura demarcada do narratário, que na verdade é referência ao leitor-implícito, conduz a explicitação da ideia de diálogo, de representação do ato de “contar”. O recurso ficcional estabelecido demonstra que estamos presenciando um relato, que estamos submersos e condicionados pela voz de Arminto, já velho. Na proximidade estabelecida com o ouvinte calado de Arminto, os leitores conhecem, pouco a pouco, as múltiplas referências históricas ou míticas. Desta forma, quando a narrativa incorpora o mundo lendário e mítico, conta com a confiabilidade outorgada pelo mecanismo implícito às histórias orais. O acordo ficcional explicitado por Milton Hatoum

pressupõe uma confiança na tradição oral e uma sensibilidade com relação às legitimidades identitárias de qualquer comunidade. A relação entre o narrador e seu ouvinte mimetiza, ainda, alguns sentidos da prática ritual, pois pelo presente da enunciação entramos em contato com o tempo do enunciado, nesse caso, um tempo povoado pelas narrativas míticas. Nos ritos, pela repetição dos gestos acontecidos em um tempo fora do tempo, o passado pode ser presentificado. No relato de Arminto, a repetição da história de seu amor por Dinaura permite a presentificação do passado e revela a única identidade de Arminto: um homem em busca da mulher amada.

A narrativa se anuncia como narrativa, e a ideia de que vamos escutar uma voz multiplicada em muitas vozes aparece no já primeiro parágrafo do texto:

A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava para o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços sim, vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. (Hatoum, 2008:11, grifo meu)

A voz dessa índia atrai Arminto ainda pequeno e instaura um mecanismo que conduz muitas das suas ações. A voz da índia tapuia e a voz do mito, nesse momento, conjugam-se e envolvem Arminto. Os ecos dessa voz e a referência à lenda da cidade encantada permanecerão como uma possibilidade de resposta na vida de Arminto, repercutindo sempre no mar de suas dúvidas. Diante da aparição dessa

índia, que pertence ao universo das narrativas míticas, surge a primeira reação de Arminto: ele deixa tudo, deixa a casa do seu professor para escutar, para tentar saber. A tarde úmida esboça o desenho de uma serpente que abraça o céu e a água, também uma serpente metafórica surge para enlaçar Arminto Cordovil. A narrativa da índia, definitivamente, enreda a personagem e configura o dilema de Arminto: entender um mundo que oscilará entre as urgências históricas e as referências lendárias, um mundo que lhe é apresentado e que pede sempre uma tradução, uma interpretação. Na sequência dessa primeira cena, é Florita quem aparece para, justamente, ‘traduzir’ a fala da índia:

Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. (Hatoum, 2008:11, grifo meu)

Observamos a referência explícita a lenda da cidade encantada, um tema motriz ao longo da narrativa. Porém, no final do relato, Arminto já adulto recordará esse episódio. Pergunta a Florita se ela se lembra, então, ela nega a tradução que fez no passado. O mundo dos mitos revelado inicialmente é subvertido pela própria Florita – que foi, não obstante, ao longo de todo o relato, a pessoa que serviu para Arminto como mediadora dos mundos da história e da lenda.

No fim da tarde, quando a gente andava na beira do Amazonas, pensei na mulher: a tapuia que ia morar com o amante no fundo do rio. Lembrei do céu esquisito, com o arco-íris que parecia uma serpente no espaço. **Florita se lembrava daquela tarde?**

Ela entrou na água, e de costas para mim, disse:

Não foi isso que ela contou, não.

Mas ela falava em língua geral, e tu traduzias.

Traduzi torto, Arminto. Tudo mentira.

Mentira?

E eu ia contar para uma criança que a mulher queria morrer? Dizia que o marido e os filhos tinham morrido de febres, e que ela ia morrer no fundo do rio porque não queria sofrer na cidade. As meninas do Carmo., as indiazinhas, entenderam e saíram correndo.

Só agora estás me contando. Por quê?

Agora estou sentindo o que a mulher dizia. Por isso. (Hatoum, 2008:90, grifo meu)

Apesar da negação final de uma explicação mítica, a personagem Florita é essencialmente detentora de um conhecimento que Arminto não chega a incorporar efetivamente. Ele se deixa levar pelo que sabe e traduz Florita, e também pelo que escuta e pelo que sente com relação a sua amada misteriosa, Dinaura. Toda essa alternância entre a revelação mítica do começo do livro e a interpretação factual do mesmo evento – no caso a índia tapuia que se afoga propositalmente no rio – é representativa das alternâncias implícitas no mundo em que vive Arminto. Florita também demonstra o seu trânsito pelo universo dos mitos e do cotidiano quando reconhece que Arminto se deixou perder pela embriaguez das histórias que encobriam a

existência de sua amada. Porém, é a voz de Florita que muitas vezes justifica a existência quase onírica de Dinaura:

Florita jurou que ela não estava em Vila Bela

– Como tu sabes?

Quem sonha com outro mundo não pode estar aqui. Muito menos uma amante arrependida.

Esperou meu olhar de interrogação e acrescentou: Dinaura foi morar numa cidade encantada (Hatoum, 2008: 26)

Essa novela constrói uma elegia das vozes míticas e deixa nas entrelinhas algumas perguntas: quem ainda pode escutar, entender ou traduzir o caudal de histórias míticas? A narrativa de Arminto traça o percurso de uma personagem submersa no eco de sua própria voz e nas vozes de outros que ressoam em sua memória. Na novela, a dinâmica da vida das personagens se constrói efetivamente pela palavra: Arminto vive nas palavras que evocam seu passado, Dinaura vive nas palavras da lenda e da história pessoal de Arminto. E, por fim, cada leitor, revive a vida de Arminto pelo poder re-articulador do mito-relato desse novo Eldorado de Milton Hatoum. A narrativa de Arminto mimetiza a experiência da prática ritual: o mito se re-atualiza cada vez que sua sequência narrativa é proferida, evocada, recontada e, também, re-vivida em outro tempo, em um tempo presente no qual o passado se repete.

O relato de Arminto constrói-se por lembranças. Escutamos a voz desta personagem que percorre a sua memória e também visita os olhares e as vozes coletivas dispersas por Manaus, por Vila Bela e por cidades encantadas. A vida de Arminto foi uma



tentativa incessante de decifrar as vozes e os códigos de seu mundo, de decifrar essa mulher dúbia, intangível, calada. Cada gesto e cada ação de Dinaura possuem uma referência passível de interpretação mítica. Durante todo o relato nos deparamos com duas perspectivas temporais distintas: uma é linear, histórica; outra é a-temporal, lendária. O relato e a vida de Arminto navegam pelas duas perspectivas temporais, ele não faz distinção entre elas, e nesse texto, se naufragamos da embarcação histórica, corremos o risco de não nos afogarmos nas águas do rio Amazonas, pois percebemos que é possível, simplesmente, viver no fundo do rio, na cidade encantada. No texto temos o pensamento de Arminto:

Ulisses Tupi queria que eu conversasse com um pajé: o espírito dele podia ir até o fundo das águas para quebrar o encanto e trazer Dinaura para o nosso mundo. Sugeriu que eu fosse atrás de dom Antelmo, o grande curandeiro xamã de maués. Ele conhecia os segredos do fundo do rio e podia conversar com Uiara, chefe de todos os encantados que viviam na cidade submersa.

Quando essas notícias se espalharam em Vila Bela, fui perseguido por um inferno de rumores. Uns diziam que Dinaura havia me abandonado por um sapo, um peixe grande, um boto ou uma cobra sucuri; outros sussurravam que ela aparecia a meia-noite num barco iluminado e dizia aos pescadores que não suportava viver na solidão do fundo do rio. (Hatoum, 2008:65)

No fragmento abaixo temos o diálogo em entre Arminto e o advogado Estiliano, em que se explicita a alternância entre os diferentes tempo em que envolvem Arminto:

*Mas era preciso vender os dois batelões?
Vais ter que vender tudo: esta chácara,
o edifício da empresa e o terreno de Flores.
Como eu ia admitir? Queria casar com
Dinaura, viajar com ela.
Viver em outro mundo, disse Estiliano.
Se não venderes tudo, podes ser preso. As
pequenas companhias de navegação da
Amazônia estão falidas. Sai desta chácara
e anda pela cidade. Aquela moça arrancou
tua cabeça, te deixou sem razão. Cego.
(Hatoum, 2008: 57)*

O destino amoroso de Arminto e Dinaura, sem dúvida, é a força centrípeta do relato e pode-se pensar que já havia sido anunciado em sua essência no breve relato da índia tapuia. A história de amor e de loucura deslinda-se e ganha força pelo caudal de referências míticas que abarca. A suspeita de uma existência mítica transforma a história de Dinaura em uma grande metáfora. Ela é a mulher misteriosa que encanta e leva a perder Arminto Cordovil; possui a mesma voracidade do mito cada vez que explicita uma resposta sem nunca deixar de ser uma pergunta. Como afirma Arminto, referindo-se a Dinaura: “a gente quer entender uma pessoa, só encontra silêncio”. (Hatoum, 2008:47).

Na novela a natureza mítica da Amazônia é responsável pelo ritmo da narrativa. A fluidez do texto persegue tanto o ritmo caudaloso do rio Amazonas, arrastando personagens e leitores numa sofreguidão que impede qualquer parada, como também adquire ares de aprisionamento, tal qual o calor e o mormaço surgidos após uma tormenta tropical. A natureza é um palco movediço, impõe-se sem tornar-se nunca um pano de fundo. Implícito a toda a exuberância de plantas, árvores, frutos e páss-

ros está o relato oral, as vozes populares, as lendas. Como um turbilhão, cada pequena parte da natureza amazônica esconde uma narrativa, e nessa junção natureza-narrativa uma ordem de dominação se impõe – para Arminto e para o leitor. Cada pássaro, cada planta, cada obscuro espaço na profundidade dos rios esconde um relato, esconde uma voz. Essa perspectiva narrativa é a força que aprisiona e que nos deixa inebriados. Arminto Cordovil não é prisioneiro apenas do amor que sente por Dinaura, Arminto está preso a uma ordem temporal mítica, está preso a uma natureza que fala por metáforas. Decifrar esse mundo de códigos vivos é parte do encantamento que aprisiona a personagem e é parte do aprisionamento narrativo proposto por Milton Hatoum.

Nesse sentido, encontrar Dinaura significa desvendar segredos: segredos familiares e míticos. Dinaura fora amante de seu pai? Dinaura poderia ser sua irmã? O silêncio de Dinaura cala simplesmente um drama pessoal, familiar? Podemos submergir em explicações que acompanham a ordem linear, o fluxo de uma história pessoal. Por outro lado, Dinaura pode mesmo viver no fundo do rio, na cidade encantada? O seu silêncio encobre uma vida não humana, uma vida partida pela lenda? Mergulhamos na ordem das explicações míticas.

Todo o relato se duplica nessas perspectivas interpretativas e Arminto vive duas ordens temporais distintas, habita uma e outra concomitantemente, e cada leitor oscila entre as possibilidades do seu destino, da sua história. Ao longo do relato, nem a ordem dos mitos nem a ordem da história se sobrepõem. Convivem. Não se explicam ou se dissolvem porque o entendimento perfeito do relato, o encan-

tamento verdadeiro consiste em deixar-se perder nessa alternância. O Eldorado de Milton Hatoum propõe um naufrágio voluntário por tempos e vozes de Manaus, e, ao mesmo tempo, oferece um porto tão incerto quanto tangível: a palavra inventa mundos e os mundos inventados são sempre alternativas para o existir. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro (org). 2007. *Arquitetura da memória*. Manaus: Uninorte.

ECO, Umberto. 1994. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.

ELIADE, Mircea. 1963. *Aspectos do mito*. Tradução Manuela Torres. Lisboa: Edição.

_____. s/d. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.

HATOUM, Milton. 2008. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Cia das Letras.

LEVI-STRAUSS, Claude. 1970. *O pensamento selvagem*. Tradução Maria Celeste da Costa Souza e Almir Oliveira Aguiar. São Paulo: Edusp.

MORSE, Richard. 1988. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.